

OS IMPACTOS SOCIAIS CAUSADOS PELO USO INDEVIDO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA FOTOGRAFIA

Cláudia Karina Soares de Macêdo¹

Claudiana de Mendonça Macedo²

RESUMO

A fotografia figura como uma das invenções instituídas no contexto da Revolução Industrial, sendo qualificada enquanto possibilidade inovadora de informação e conhecimento, dispositivo base à pesquisa nos diferentes setores da ciência e como intermédio de manifestação artística, o que pressupõe compreendê-la enquanto fonte significativa à formação humana. Contudo, com a popularização da Inteligência artificial, acende-se um sinal de alerta acerca dos novos rumos dados à fotografia no que confere a análise de suas tramas. Foram analisadas 2 fotografias que fazem alusão ao processo de manipulação do recurso fotográfico e 2 imagens criadas por inteligência artificial, as quais revelam um contexto de desinformação. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa qualitativa com uso de imagens. Nosso objetivo foi discutir os impactos sociais causados pela adulteração de imagens fotográficas intensificadas por meio de ferramentas de IA. Constatamos que a IA, como campo de estudo multidisciplinar, tem promovido avanços consideráveis e, inferimos, irreversíveis, em termos de inovação, eficiência e desenvolvimento, contudo, em se tratando da sua aplicação à fotografia, identificamos que apesar desta introduzir o debate acerca da veracidade do documento fotográfico, suscitando assim, o desenvolvimento da capacidade crítica, não podemos negligenciar os impactos negativos que o uso indevido dessa tecnologia provoca em nível global, e que são evidenciados pela disseminação de notícias falsas, as chamadas “Fake News”.

Palavras-chave: Fotografia, Inteligência artificial, Impactos sociais.

INTRODUÇÃO

A temática em questão surgiu da preocupação diante da disseminação das *fake news*, as quais têm se intensificado por meio do uso da Inteligência Artificial, tendo este tornado-se comum, permeando os mais variados instrumentos de informação, dentre os quais, a fotografia, emergindo, dessa forma, um cenário de desinformação. Neste sentido, surgiu a necessidade de fazer um projeto que contemplasse o surgimento da fotografia,

¹ Mestra em Ensino pelo Programa de Pós- Graduação em Ensino, Especialista em Educação e Contemporaneidade pelo Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte e Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte- RN, karinamacedopedagoga@outlook.com;

² Especialista em Educação Infantil, Licenciada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - RN e professora do Atendimento Educacional Especializado (AEE), claudianamdemacedo@hotmail.com

buscando, assim, entender um pouco do seu contexto histórico, para, posteriormente, trata-la enquanto fonte de informação e pesquisa, inserindo-nos no cenário atual, o qual tem sido permeado pela difusão de imagens completamente modificadas pela IA, com o agravante de estas serem tomadas como verdades absolutas. Neste estudo, trazemos uma discussão acerca da fotografia como fonte documental, o contexto histórico da fotografia e as suas constantes evoluções ao longo do tempo.

Outrossim, discorreremos sobre a manipulação da fotografia e a evolução tecnológica, trazendo à tona uma discussão importante que nos faz analisar e compreender que apesar do avanço tecnológico acontecer de forma desenfreada e produzir imagens como se acha conveniente, isso não anula, nem substitui, a grande relevância da fotografia enquanto instrumento documental. No entanto, o que se tem hoje é uma catástrofe de informações falsas e que tem no recurso imagético um portal de disseminação.

Ainda, trazemos a análise de imagens, sendo duas destas, fotografias e duas imagens criadas por inteligência artificial, ambas, abordam o contexto de desinformação ocasionado pela adulteração de imagens fotográficas, sobretudo, a partir da popularização deste ramo da computação. Desta forma, percebemos o quanto esse cenário nos preocupa, pois a Inteligência Artificial se mostra como uma via de mão dupla, podendo trazer impactos positivos ou negativos, sendo este último uma inquietação recorrente quando relacionado a fotografia.

Fundamentamos nossa pesquisa em autores como Kossoy (2020, 2021), Guerra e Marques Junior (2023), Sontag (2004), Barthes (2000), Muanis (2023), dentre outros.

METODOLOGIA

No que concerne aos caminhos da pesquisa, esta se caracteriza como qualitativa e baseia-se em análise de imagens. Para Minayo (1994, p. 21), “A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado”. Assim, nessa abordagem adentra-se o universo dos significados, os quais são construídos a partir da realidade humana vivida/construída socialmente, a qual não obedece a um curso linear, pois envolve a capacidade de atribuir sentido e significado as próprias experiências. No entanto, segundo Yin (2016, [28]) longe de reduzir-se a uma narrativa sequencial da vida cotidiana “[...] a pesquisa qualitativa é guiada por um desejo de explicar esses acontecimentos, por meio de conceitos existentes ou emergentes”.

A pesquisa envolveu a análise de imagens. Examinamo-las considerando tempo e contexto de produção, situando a discussão em torno das especificidades da trama fotográfica ao longo do tempo, com olhos à contemporaneidade da qual emerge uma “nova” dimensão, que predispõe, por um lado, a reestruturação dos métodos de análise, por outro, uma regulamentação no uso das ferramentas de IA tendo em vista frear os impactos sociais iminentes.

A ICONOGRAFIA FOTOGRÁFICA COMO FONTE DOCUMENTAL

O advento da fotografia ocorrido no contexto da Revolução Industrial, ensejou, a contar do seu surgimento, a progressiva expansão da produção e utilização de imagens, demarcando, a princípio, um cenário de apropriação mais restritivo, substancialmente artesanal, que, notadamente foi se modificando, dado o aumento no percentual de consumo da fotografia, mediatizado pela vinculação desta aos meios de comunicação como jornais, revistas e mídias publicitárias. A invenção passou a representar uma inovação em termos de acesso à informação e ao conhecimento, já que, até aquele tempo, as realidades eram transmitidas apenas pelo código escrito. Esse consumo em larga escala resultou num processo de aperfeiçoamento técnico da fotografia, que passou a assumir status de sofisticação (Kossoy, 2020).

Desde a sua descoberta, a fotografia foi atravessada por constantes transformações, principalmente com o desenvolvimento da indústria gráfica, que, uma vez atuando na acentuada reprodução da imagem fotográfica, tornou-a cada vez mais acessível, o que acabou desencadeando um outro processo de conhecimento do mundo. Assim, na medida em que ao homem era apresentado a diversidade de “mundos” ancorada nos detalhes circunscritos na visualidade imagética, abria-se novos caminhos de apreensão da realidade. Nesse cenário, a fotografia passou a assumir outras designações “[...] inegavelmente se deixando perceber como importante e, muitas vezes, insubstituível fonte de informações” (Tonello; Madio, 2018, p. 80).

Contudo, é importante salientar que a fotografia é muito mais do que o seu conteúdo aparente. A luz, o cenário, os ângulos, e as eventuais poses e semblantes ali representados nem sempre atestam a realidade dos fatos, isso porque, um dos elementos mobilizadores do click é a pretensão da mensagem a ser transmitida, esta, que tem na ação humana a sua autoria, o que por si só já descartaria qualquer traço de imparcialidade, uma vez que o conteúdo que nos chega pelo recurso visual pode representar a veracidade

do ocorrido, ou, simplesmente, um anseio do seu autor. É o que afirma Sontag (2004, [p. 9]) ao afirmar que: “Mesmo quando os fotógrafos estão muito mais preocupados em espelhar a realidade, ainda são assediados por imperativos de gosto e de consciência”.

Diante disso, Kossoy (2020) defende a necessidade de se investigar o papel cultural da fotografia visto que os elementos expostos no seu enquadramento não dão conta de subsidiar o entendimento de dada realidade. Assim sendo, as tramas que envolvem a feitura do registro, comumente não encontram-se reveladas, sendo o trabalho do pesquisador o de investigar a história por trás da face externa da fotografia, tendo em vista que é justamente o cenário implícito do registro que acarretará a sustentação de uma interpretação ou a construção de uma problematização acerca do seu conteúdo expresso. De acordo com Kossoy (2007, p. 31), Trata-se de uma estrutura que deve ser esmiuçada para que compreendamos como ocorre seu processo de concepção, “[...] como, enfim, seus elementos constituintes se articulam. Para tal proposta, devemos perceber a complexidade epistemológica da imagem fotográfica enquanto representação e documento visual”.

FOTOGRAFIA, MANIPULAÇÃO E EVOLUÇÃO TECNOLÓGICA

A humanidade permanece, de forma impenitente, na caverna de Platão, ainda se regozijando, segundo seu costume ancestral, com meras imagens da verdade. Mas ser educado por fotos não é o mesmo que ser educado por imagens mais antigas, mais artesanais (Sontag, 2004, [p.8]).

Susan Sontag, em *Sobre Fotografia*, revela um posicionamento no mínimo problematizador acerca do processo de “evolução” da fotografia considerando o modelo tradicional de base química e os registros digitais. O autor buscou ressaltar que as fotos, ao nos ensinar um novo código visual, alteram e expandem nossas percepções acerca do mundo visível, a partir de um cenário que tem por base a “ética do ver” estabelecida entre aquilo que é digno de ser observado e o que é posto como um limite do direito de observar. Em suma, o fenômeno resultante da ação fotográfica é a construção de um “novo mundo”, caracterizado pela compilação imagética do real. O que, para esse autor, representa uma visão contestável, tendo em vista que, as fotografias não são uma transcrição visual da realidade em sua totalidade, mas, uma amostra selecionada de um acontecimento.

Segundo Kossoy (2020) nos dias atuais, o que se percebe é uma reformulação na produção, disseminação e acúmulo de informações por meios digitais. Esse consumo

desenfreado tem impulsionado a expansão das funções da indústria que busca adequar-se à grande demanda social dos seus usuários. O assunto está em evidência e atravessa os parâmetros técnicos, incluindo também fatores econômicos, sociais, políticos, culturais e ideológicos, atingindo os fotógrafos, os quais estão na “linha de frente” de produção, mas também demais estudiosos que elegem os métodos de análise e interpretação da fotografia como uma preocupação permanente. Isso porque, diferente de outrora, os suportes das informações hoje apresentam-se ilimitados.

Esse cenário inevitavelmente tem influenciado os novos rumos da trama fotográfica, cujos quais não se restringem ao seu modo de produção, mas, ao futuro da fotografia enquanto suporte da memória. Contudo, apesar desse acentuado perfil ficcional das imagens, oriundo da fotografia digital “[...] o componente de ficção sempre esteve enraizado à construção da representação fotográfica desde seu advento independentemente dos programas tecnológicos em uso nas diferentes épocas [...]” (Kossoy, 2021, p. 11, grifos do autor).

Essa ambiguidade sempre permeou a produção e a recepção das imagens fotográficas. É o que Kossoy (2021, p. 17, grifos do autor) denomina de “realidades e ficções” da trama fotográfica, e, que, segundo o qual, consiste num processo de criação “[...] inerente às representações fotográficas e ocorre tanto nas diferentes etapas de sua produção (processo de construção da representação) como na sua recepção (processo de construção da interpretação) e, naturalmente, nos seus múltiplos usos e aplicações”.

Isto posto, o autor em tela busca fundamentar sua concepção acerca do processo de transição da fotografia como algo para além de uma perspectiva tecnológica, mas, adentrando também questões éticas, sociais e culturais, uma vez que, para tentar responder aos questionamentos advindos dessa “nova realidade” é mister um estudo acerca da história da fotografia, o qual concentre-se nos mecanismos que deram-lhe origem, bem como, nos seus diferentes usos e aplicações ao longo do tempo (Kossoy, 2021).

Assim sendo, de acordo com Kossoy (2021), a repercussão provocada pelo advento da fotografia de suporte digital não minimizou a relevância e o fascínio histórico pela fotografia de suporte analógico. Os ensaios fotográficos oriundos dessa variante tecnológica prevaleceu, em torno de 160 anos, envolvendo, pois, potencialmente, a trajetória da imagem técnica em sua integralidade. Desse modo, torna-se evidente que as pesquisas alusivas a essa época, continuarão tendo como eixo investigativo os recursos fotográficos de outrora, os quais encontram-se acondicionados em instituições públicas e

privadas de apreciação a bens históricos, artísticos e culturais. Ainda assim, não podemos negligenciar os impactos provocados pelo avanço da tecnologia e suas inúmeras ferramentas de aplicação à fotografia, pois, “[...] múltiplas são as possibilidades de manipulação e ‘tratamentos’ estéticos embutidos na produção e pós-produção das imagens. Isso é temerário especialmente no que diz respeito às imagens que têm a função de informação e notícia” (Kossoy, 2021, p. 16).

Assim sendo, compreendemos a necessidade de analisar uma fotografia para além da sua superficialidade, tendo os elementos aparentes como dados principiantes à pesquisa e não como estados definitivos do real, uma vez que, segundo Kossoy (2002, p. 20) “As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para veiculação das idéias e da conseqüente formação e manipulação da opinião pública”. Um exemplo de como a fotografia pode ser utilizada como instrumento de desinformação (caso paremos no seu plano visível) é posto nas representações selecionadas e analisadas na próxima seção, as quais revelam o processo de adulteração da imagem para fins de interesses próprios e cuja manipulação da massa é um dos fatores primordiais.

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E SUA APLICAÇÃO À FOTOGRAFIA

A produção de uma imagem pressupõe a existência de um “referente”, que nada mais é do que o vestígio expresso que comprova a existência do fato. Essa é uma constatação baseada no modo de produção técnica analógica, a partir do qual sua origem dar-se-á mediante a existência de uma estrutura material. Em contrapartida, quando nos referimos a imagem digital não há essa compreensão explícita, uma vez que a presença do referente não se faz basilar. Não obstante, uma imagem cuja base é artesanal, terá sempre um referente como protótipo para o processo de criação (Muanis, 2023).

Nesse sentido, a distinção entre fotografia analógica e digital pressupõe um contexto de manipulação, o que dá margem ao constante questionamento acerca da realidade imagetivamente representada, conferindo à imagem um estado de permanente dubiedade. Com efeito, algumas fotografias ao longo da história sempre estiveram passíveis à manipulação, mormente, durante o regime soviético, conforme veremos a seguir

Figura 1- Lênin discursa em frente ao Teatro Bolshoi em 1920, durante a guerra civil russa.



Fonte: Aventuras na História (domínio público), 2019.

Figura 2- Lênin discursa em frente ao Teatro Bolshoi em 1920, durante a guerra civil russa.



Fonte: Fonte:Aventuras na História (domínio público), 2019.

As fotografias (figuras 1 e 2), datadas de 1920, mostram Lênin discursando em frente ao Teatro Bolshoi, durante a guerra civil russa. Um dos aspectos que chama a atenção entre os registros é que Trotsky, que aparece acima dos degraus do palanque na figura 1 “desaparece” na figura 2. Se nos atermos, unicamente, aos detalhes circunscritos nas imagens, tendemos a julgar que, supostamente, o tempo da foto não é

o mesmo e que o hiato entre a captura dos registros talvez represente a razão dessa eminente ausência. Contudo, ao situar a fotografia ao seu contexto, fundamentamos a existência de um processo de manipulação pós-produção. Em 1924, com a morte de Lênin, considerado principal líder da Revolução Bolchevique de 1917, a influência sobre o partido passou a ser dividida entre Stalin e Trotsky que, após uma disputa intensa acabou resultando na vitória de Stalin, este que, numa tentativa de promover o apagamento histórico do seu opositor recorreu a manipulação de grande parte das fotografias que revelavam uma possível ligação entre Trotsky e Lênin (Aventuras na História, 2019).

Isto posto, estas são evidências de que o processo de adulteração da fotografia não tem origem na contemporaneidade, mas, igualmente, revelam que a intervenção realizada nas imagens analógicas “[...] são inocentes e primitivas se comparadas às novas imagens criadas por Inteligência Artificial” (Kossoy, 2021, p. 33). Isso porque, de acordo com Muanis (2023, p. 51) “O que no início do século XX estava restrito a técnicos especializados, que conseguiam apagar de forma insuspeita um opositor político de uma foto, agora está disponível e pode ser facilmente operado [...]” (Muanis, 2023, p. 44).

Por conseguinte, se considerarmos que a popularização das tecnologias tem promovido uma crescente no nível de desconfiança, poderíamos enxergar neste, um processo positivo, pois, denotaria a predisposição a análise crítica. Muanis (2023, p. 51) vai além, ao afirmar que as possibilidades trazidas pelos meios digitais “[...] potencializam a leitura e tendem, com o tempo, a transformar qualquer um em um metacrítico das mídias, sobretudo as novas gerações [...]”.

Contudo, essa construção de “metacrítico” abordada por Muanis (2023) demanda tempo, enquanto isso, a sociedade tem centralizado o debate em torno dos prós e contras da IA. Existem aqueles que a defendem como parâmetro de desenvolvimento e eficiência e outros que insistem na sua necessária regulamentação, como forma de conter os usos impróprios a que se destinam, cujos quais tem apresentado potencial de alienação, ao promoverem a desinformação, a fim de fazer prevalecer uma ordem social dominante. É o que podemos interpretar a partir das imagens 3 e 4.

Figura 3 - Imagem falsa mostra Donald Trump supostamente ao lado de apoiadores negros.



Fonte: Carta Capital, 2024.

Figura 4 - Imagem falsa mostra Trump ao lado da comunidade negra norte-americana



Fonte: Carta Capital, 2024.

A ascensão da Inteligência Artificial é um fenômeno do qual emerge não apenas inovações transformadoras, mas revela-se igualmente “perigosa” a depender dos usos e aplicações a que se destinam. Um fator que tem sinalizado preocupação está relacionado a criação de *deepfakes*³, como mecanismo de manipulação em campanhas eleitorais. No Brasil, o assunto foi impulsionado a partir da decisão do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que aprovou em fevereiro deste ano, a resolução nº 23.732/2024, alterando a de nº 23. 610/2019. A alteração visa combater a

³ Técnica usa inteligência artificial (IA) e outros conteúdos verdadeiros, como foto e vídeo, para criar adulterações realistas.

desinformação gerada pelo uso indevido da IA nas campanhas eleitorais. Para isso, determina-se, no § 1º do art. 9º-C, que

É proibido o uso, para prejudicar ou favorecer candidatura, de conteúdo sintético em formato de áudio, vídeo, ou combinação de ambos, que tenha sido gerado ou manipulado digitalmente, ainda que mediante autorização, para criar, substituir ou alterar imagem ou voz de pessoa viva, falecida ou fictícia (deep fake) (Resolução 23. 732/2024).

Nos Estados Unidos, as imagens produzidas por IA que simulam o apoio da comunidade negra norte-americana a Donald Trump integram uma rede de conteúdos adulterados, cujo anseio consiste na manipulação do eleitor estadunidense que, uma vez “traído” pela alienação não consegue identificar nestes traços que denunciam uma realidade inexistente. Nas imagens (figuras 3 e 4) há a transmissão de uma mensagem, a de estimular os eleitores desse grupo a votarem no Partido Republicano nas eleições presidenciais.

Apesar destas imagens representarem um cenário favorável ao presidencial, não há indícios que denotem a participação de membros da sua equipe nesse processo de adulteração (Lucena, 2024). Fato é que a disseminação desse tipo de conteúdo tem um considerável alcance e pode trazer consequências a depender do nível crítico do seu receptor. Portanto, o que esse cenário nos mostra é que mais do que nunca o estudo da imagem fotográfica predispõe a necessidade de deixar-se demorar nesse exercício, como afirma Kossoy (2021, p. 26) ao realçar que carecemos de empenho na atitude de “[...] reencenar a própria experiência do objeto no curso de sua vida, espécie de retorno imaginário ao instante paralisado pela fotografia. É o religar da cena na tentativa de conhecer de perto as histórias secretas [...]”.

Contudo, esse movimento que sugere a montagem e desmontagem do signo fotográfico tornou-se ainda mais desafiante com o uso desmedido da Inteligência Artificial, visto que, o que antes predisponha a análise de suas tramas, agora envolve o desvendar da sua veracidade, enquanto projeto fundado num referente material. Com outras palavras, poderíamos dizer que os elementos circunscritos na imagem passou a representar uma ação posterior do seu analista, o qual antecede o estudo a partir da identificação da sua origem.

Por conseguinte, foi-se o tempo em que a manipulação estava atrelada unicamente ao apagamento ou adulteração de elementos presentes na cena. Atualmente, vivemos um tempo em que realidades podem ser criadas sem que para isso seja

necessário a presença de uma estrutura física-material. Esse cenário, segundo Muanis (2023, p. 54) tem provocado receio pois “[...] a preocupação com o futuro dominado por mediações sintéticas considera que estas possam até mesmo destruir as relações humanas”. Sob outro enfoque, o autor em tela, ainda que considere o sistema de democratização desigual e imperfeito, vislumbra, este como um cenário “[...] que colabora com um aumento da capacidade analítica e crítica do seu usuário/observador” (Muanis, 2023, p. 54). Essa concepção parece-nos questionável, quando refletimos as proporções do uso indevido da inteligência artificial nos dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado teve como objetivo discutir os impactos sociais causados pela adulteração de imagens fotográficas intensificadas por meio de ferramentas de IA. O que percebemos é que a temática tratada necessita de um olhar cuidadoso, como também de estratégias eficazes no combate a desinformação advindas da adulteração de imagens.

Isto posto, pensamos que uma projeção futura não deve tornar-nos alheios aos impactos sinalizados no presente. A análise das imagens revelam que a discussão em torno da regulamentação da inteligência artificial é urgente e necessária, visto que, a depender dos seus usos e aplicações a sociedade torna-se suscetível a direcionar suas decisões tendo como embasamento um contexto de desinformação.

REFERÊNCIAS

AVENTURAS NA HISTÓRIA. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/galeria/foto-manipulacao-stalin.phtml> Acesso em 27 out. 2024.

GUERRA, Claudia Bucceroni; MARQUES JUNIOR, Jairo Andre. O PROBLEMA DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL APLICADA ÀS FOTOGRAFIAS E O PENSAMENTO DE VILÉN FLUSSER. **LOGEION: Filosofia da informação**, v. 10, p. 82-93, 2023. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/376094851_problema_da_inteligencia_artificial_aplicada_as_fotografias_e_o_pensamento_de_Vilen_Flusser Acesso em: 23 out. 2024.

Kossoy, Boris. FOTOGRAFIA E HISTÓRIA: AS TRAMAS DA REPRESENTAÇÃO FOTOGRÁFICA. Projeto História: **Revista Do Programa De**

Estudos Pós-Graduados De História, v. 70, pp. 9-35, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/52357/pdf> Acesso em: 23 out. 2024.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 5. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2020.

KOSSOY, Boris. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LUCENA, André. O uso da IA nas eleições dos EUA: apoiadores de Trump criam imagens falsas para atrair eleitores negros. **Carta Capital**, 05, mar. 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/o-uso-da-ia-nas-eleicoes-dos-eua-apoiadores-de-trump-criam-imagens-falsas-para-atrair-eleitores-negros/> Acesso em: 27 out. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: DESLANDES, Suely Ferreira; CRUZ NETO, Otávio; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994. p. 9-29.

MUANIS, Felipe. Imagens, inteligência artificial e a incontornabilidade da metacrítica. **RuMoRes**, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 35–57, 2023. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/210891/197974> Acesso em: 23 out. 2024.

SOTANG, Suzan. **Sobre a fotografia**. Companhia das Letras, 2004.

SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL. Resolução nº 23.732, de 27 de fevereiro de 2024. Brasília, DF. Altera a Res.-TSE nº 23.610, de 18 de dezembro de 2019, dispondo sobre a propaganda eleitoral. Relatora: Ministra Cármen Lúcia. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/legislacao/compilada/res/2024/resolucao-no-23-732-de-27-de-fevereiro-de-2024>. Acesso em: 27 out. 2024.

TONELLO, Izângela Maria Sansoni; MADIO, Telma Campanha de Carvalho. A fotografia como documento: com a palavra Otlet e Briet. **Revista Informação & Informação**, Londrina, v. 23, n. 1, p. 77-93, jan./abr. 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/32504/23231> Acesso em: 5 maio 2024.

YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.